

ALGUNS ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA CIDADE DE RIO BRANCO E DO NÚCLEO COLONIAL SERINGAL EMPRÊSA (Território do Acre)

Prof. ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA

Geógrafo do C.N.G.

Prof. da Faculdade Fluminense de Filosofia.

Este trabalho constará de duas partes distintas: uma referente à cidade de Rio Branco, capital do Território do Acre e outra concernente à colonização no município do mesmo nome ¹.

SÍTIO DA CIDADE DE RIO BRANCO

A cidade de Rio Branco, capital do Território Federal do Acre, está localizada às margens do rio Acre, ao longo de vastos meandros encaixados. A topografia da cidade não é constituída por uma superfície plana e uniforme (Fig. n.º 1) como a de outras cidades amazônicas que conhecemos, Belém e Macapá, por exemplo, onde se bem que a superfície dos terraços possua diversos níveis, estes são, no entanto, muito planos e uniformes. A paisagem ondulada de Rio Branco foi modelada principalmente pelo afundamento do rio Acre, cujo encaixamento é acentuado (Fig. n.º 2) e divide a cidade em duas margens.

Os terraços de Rio Branco estão enquadrados de modo geral entre as cotas de 95 e 135 metros, sendo este último o nível mais elevado. O nível de 100 metros é o mais extenso, aparecendo de ambos os lados do rio Acre.

Dentro da topografia urbana podemos distinguir cerca de seis níveis: 1 — nível de 100 m; 2 — nível de 110 m; 3 — nível de 120 m; 4 — nível de 125 m; 5 — nível de 130 m; 6 — nível de 135 m.

Na planta topográfica (Fig. n.º 1) observa-se claramente como estes seis níveis se destacam na paisagem dando assim pequenas superfícies horizontais ou sub-horizontais, separadas por pequenas depressões ou sulcos, cuja origem é devida ao afundamento do rio Acre e ao lençol de escoamento superficial difuso trabalhando nesses níveis de terraços.

As zonas imediatamente junto às margens do rio não estão ocupadas com instalações humanas devido em parte ao seu forte aclive e às inundações a que estão sujeitas (Figs. ns. 3, 4 e 5). Por ocasião das cheias as águas sobem às

* Ao começarmos este trabalho agradecemos ao senhor governador AMÍLCAR DUTRA DE MENESES que nos deu todas as facilidades para a execução de nossa tarefa, colocando ao nosso dispor o diretor do Departamento de Geografia e Estatística — RAUL ARANTES MEIRA, cujo conhecimento sobre os diversos problemas do Território, nos foi muito útil. Como nosso informante ele soube nos guiar para os pontos mais importantes, e nos deu uma boa visão dos diferentes problemas econômicos da região. Agradecemos também as correções por ele introduzidas nesse trabalho, que vieram enriquecê-lo em dados. Não podíamos deixar de agradecer ao Dr. FREIRE, do Serviço de Colonização e a todos aqueles que nos forneceram respostas aos inquéritos a que procedemos no campo. Deixamos proposadamente para o fim o agradecimento que também fazemos ao ex-governador JOSÉ GUIOMARD SANTOS que gentilmente leu este trabalho introduzindo várias informações, às quais nos referimos sempre nos pés de página.

¹ Deixaremos de fazer menção à colônia Coronel José Guiomard Santos por constar de um trabalho a ser realizado pelo Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES.

vêzes mais de 10 metros. As áreas do leito maior, são aproveitadas pelos caboclos para pequenas culturas de "praia"².

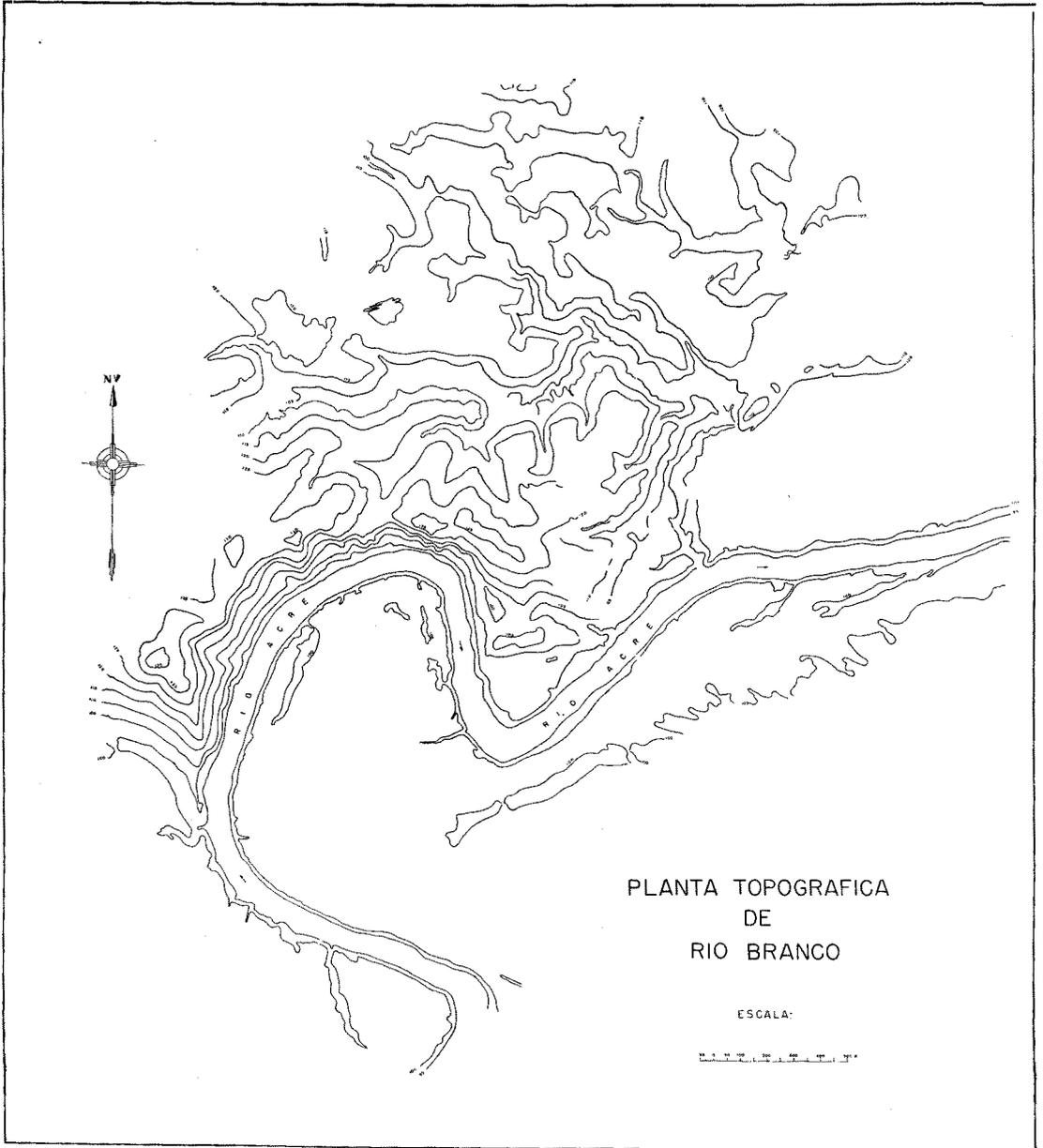


Fig. 1

As instalações da cidade se desenvolveram principalmente a partir da cota de 105 metros aproximadamente, subindo em direção aos níveis mais altos. A passagem de um nível para outro se faz por meio de rampas ou aclives suaves. Esse valonamento foi feito como já vimos linhas atrás, pela erosão, por ocasião do afundamento da rede hidrográfica e pelo lençol de escoamento superficial.

² Termo regional para denominar culturas de vazante.

O aspecto topográfico dá a idéia da paisagem ondulada da cidade de Rio Branco (Fig. n.º 1).

A escolha do sítio dêsse núcleo urbano foi como na maioria das cidades brasileiras obra do acaso. Do desenvolvimento natural de uma concentração de população que cresceu espontaneamente a partir da fundação do seringal Empresa em 1882, nasceu a cidade.

Quando observamos a sua planta vemos que a sua estrutura apresenta uma duplicidade de aspecto, devido à parte cujo crescimento foi feito ao acaso e a outra cujo traçado urbano foi realizado antes da ocupação (Fig. n.º 6).

Resumindo, podemos dizer que a cidade de Rio Branco, ocupa uma zona de terraços ao longo dos meandros encaixados do rio Acre, sendo de topografia ondulada.

ORIGEM DA CIDADE E SUA EVOLUÇÃO

Num estudo do aparecimento das primeiras instalações na atual cidade do Rio Branco³, observa-se que sua origem foi simples, resultando da fundação do seringal Empresa feita por NEUTEL NEWTON MAIA, em 1882. Este cearense e muitos outros, deixaram o Nordeste e vieram povoar as terras do alto Purus, Juruá, etc.

A sede do seringal foi estabelecida na margem esquerda do rio Acre, porém, a futura cidade começaria a se desenvolver na margem oposta. Esta situação permaneceu até aproximadamente 1909 quando o prefeito do departamento do Alto Acre, GABINO BESOURO, apossou-se das terras do seringal Empresa⁴. Logo após a posse das terras, mandou fazer a divisão dos lotes, e o arruamento da futura cidade, instalando-se imediatamente a sede do governo, e de todos os serviços administrativos⁵. Até os nossos dias o desenvolvimento da cidade de Rio Branco do lado de Penápolis obedece ao antigo traçado urbano⁶, que lhe foi dado graças ao esforço de GABINO BESOURO.

A primeira fase da evolução da cidade pode ser delimitada pelo período decorrente desde a fundação do seringal Empresa até o ano de 1909. Verificou-se um desenvolvimento muito lento na construção das habitações, sendo todas feitas no lóbulos convexo em frente ao seringal Empresa na margem direita do rio Acre.

No estudo da estrutura urbana observa-se que a cidade teve um crescimento espontâneo ao longo do rio, com suas ruas de traçado irregular.

³ A área do Território do Acre foi incorporada ao território brasileiro, graças às negociações feitas entre o Brasil e a Bolívia. O historiador JOÃO RIBEIRO qualificou o tratado de Petrópolis de 17 de novembro de 1903 como uma "obra-prima da diplomacia brasileira" que terminou o nosso mais grave litígio de fronteira — a questão acreana; na qual a figura do barão do RIO BRANCO foi o vulto mais importante. Vide JOÃO RIBEIRO *História do Brasil — curso superior —* 13.ª edição, 543 páginas. Rio de Janeiro, 1935, (p. 536).

⁴ A tomada dessas terras foi feita a *manu militari*, motivando daí uma demanda contra a União, que resultou em ganho de causa para os demandantes.

⁵ Primitivamente os serviços funcionaram no bairro de Empresa.

⁶ No local da atual cidade de Rio Branco existia o antigo povoado de Empresa e a localidade de Penápolis — nome dado em homenagem ao então Presidente da República AFONSO PENA (1909). Com a criação do município pelo decreto-lei n.º 9 831, de 23 de outubro de 1912 e sua instalação a 15 de fevereiro de 1913, passou-se a chamar Rio Branco em homenagem ao barão do RIO BRANCO. A sede do antigo Departamento do Alto Acre ganhou então foros de cidade passando a chamar-se Rio Branco, a partir da data de 23-10-1912.



Fig. 2 — Afundamento do rio Acre na cidade de Rio Branco, cujo encaixamento é da ordem de 5 a 10 metros. Observa-se a existência de dois níveis de terraço: o primeiro é atingido normalmente na época das cheias, e o segundo sômente nas grandes enchentes. Do ponto de vista humano temos um aspecto do bairro de Empresa vendo-se a disposição das casas de comércio ao longo do rio. Na parte esquerda da foto vemos a grande escada de madeira e as “catraias” de que a população se serve para ir do bairro de Penápolis ao de Empresa.

(Foto: Governo do Território do Acre).

Em 1903, após a assinatura do tratado de Petrópolis, com a Bolívia verificou-se a instalação do 15 Batalhão de Infantaria, comandado pelo Cel. OLÍMPIO DA SILVEIRA, então governador militar do Acre Setentrional. Houve o desenvolvimento de grande número de "bodegas" (casas de comércio) as quais se concentraram na margem direita do rio.

Sòmente no ano seguinte, 1904, deu-se a divisão das terras que constituem hoje o Território do Acre, em três prefeituras⁷; sendo na povoação Empresa instalada a prefeitura do Alto Acre em 28 de agosto de 1904.

A segunda fase da evolução urbana da cidade de Rio Branco, vai de 1909 até 1930, quando se inicia o desenvolvimento na margem esquerda do rio, nas terras do antigo seringal Empresa.

Na morfologia urbana, vemos que as primeiras construções eram na totalidade de madeira⁸ com coberturas diversas (fôlhas de palmeira⁹, cavacos, etc.). O uso imediato desse material está em função do fato da cidade ser uma verdadeira clareira no meio da mata às margens do rio Acre, e naturalmente os primeiros povoadores procuraram lançar mão do material mais fácil de ser encontrado. É, portanto, natural que se encontre um certo predomínio das construções de madeira em relação às de alvenaria.

Sòmente após 1928 começaram as primeiras construções de alvenaria, por iniciativa oficial. Os primeiros edifícios a serem construídos foram o Palácio do Governo (Fig. n.º 7), o Quartel da Guarda e o Mercado Público, e as primeiras ruas a serem abertas foram a Epaminondas Jácome (mais ou menos paralela ao rio), por ser a mais próxima da margem; Benjamim Constant, paralela à primeira e duas outras perpendiculares: Marechal Deodoro e a atual Getúlio Vargas. Estas foram as primeiras ruas ao longo das quais se instalaram os primeiros serviços administrativos e as primeiras casas.

A terceira fase da evolução da cidade se fez lentamente obedecendo, porém, a um plano urbanístico, pré-estabelecido. Iniciada em 1930, se estende até os nossos dias. Nela a morfologia urbana é caracterizada pelo grande aumento das construções de alvenaria (Figs. n.º 8, 9 e 10). No desenvolvimento urbano observa-se grande crescimento de novas instalações na chamada Zona Ampliada que estava fora do perímetro urbano. Hoje, esta nova área já foi praticamente acrescida ao núcleo urbano¹⁰. O problema não está ainda completamente resolvido, pois estas terras são da União e estão sendo distribuídas em pequenos lotes. Esta doação das chamadas *terras urbanas* do núcleo Seringal Empresa, praticamente dentro da cidade, constitui um caso singular que analisaremos mais pormenorizadamente em outra parte deste trabalho.

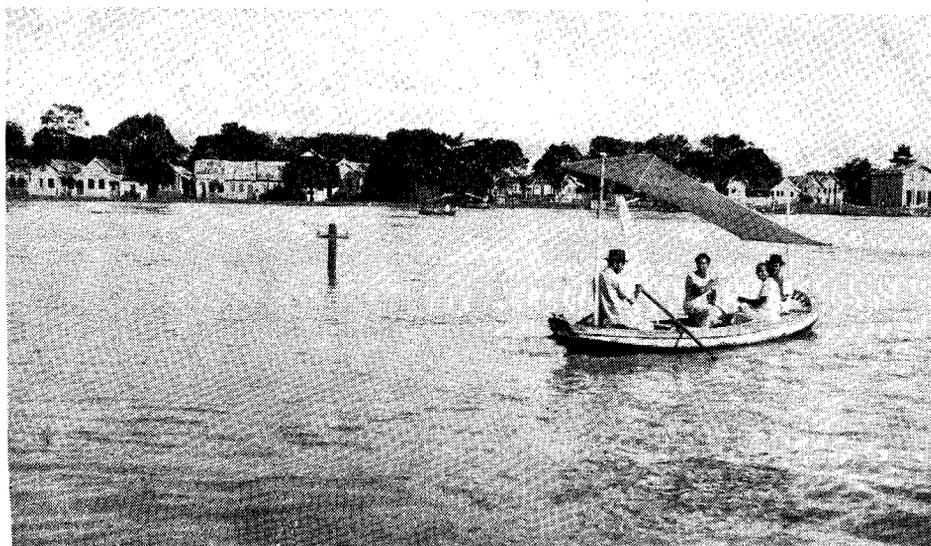
As primeiras construções utilizando-se de tijolos, e de madeira, para as esquadrias assoalhos e teto causava uma certa apreensão na população da cidade. Havia no pensamento do povo um conceito já perfeitamente arraigado

⁷ As outras duas prefeituras instaladas foram: Alto Purus 25-9 e Alto Juruá 28-9-1904.

⁸ Essas casas cujo telhado é em forma de V invertido recebem regionalmente o nome de *chalet*.

⁹ As palmeiras mais utilizadas para este tipo de cobertura são: ouricuri, jaci, jarina, e o ubim. Esta última é a mais empregada na zona próxima à cidade de Rio Branco — LIMA FIGUEIREDO *O Acre e suas possibilidades* (p. 186).

¹⁰ A falta de atos oficiais por parte da Prefeitura Municipal em demarcar as áreas, consideradas urbanas e suburbanas, impossibilita a delimitação exata do começo da zona rural. Geograficamente o desenvolvimento alcançado por esta área nos leva a incluí-la na zona urbana.



Figs. 3, 4 e 5 — Nas fotos acima vemos aspectos das cheias excepcionais que algumas vezes são superiores a 10 metros. A invasão das águas no bairro de Empresa será melhor sentida na fig. 2, na qual vemos a altura do barranco e a rua que ficou completamente inundada. Fotos tirados na rua da Africa no bairro Empresa.
(Foto do Governo do T. F. do Acre).

de que os terrenos da cidade não podiam suportar construções pesadas, pois, na época das chuvas cederiam, ou mesmo afundariam. Esse pensamento errado do caboclo só pôde ser modificado decorridos vários anos de *inverno*, depois da verificação da solidez das construções de alvenaria já existentes. Até 1938 as construções de alvenaria não foram importantes, porém, a partir desse ano até 1941 registou-se um forte desenvolvimento, graças à instalação de algumas olarias. Dessa última data até 1945, novamente entra em declínio este tipo de construção devido às dificuldades na obtenção de cimento. A partir de 1945 a iniciativa oficial se fez novamente sentir, criando-se um forte entusiasmo pelas construções de alvenaria na parte central da cidade.

Em alguns bairros, porém, este progresso não se fez sentir, como por exemplo no de Papoclo (Fig. 11 e 12) que distando apenas cerca de 1 quilômetro do centro da cidade, apresenta no entanto todas as casas de madeira com cobertura de palmeira de ouricuri, zinco ou cavacos. A única construção de alvenaria existente é uma casa de comércio. Este bairro é habitado por indivíduos humildes e suas instalações são muito primitivas.

No estudo da estrutura urbana de Rio Branco observa-se que na parte norte da cidade houve um desenvolvimento espontâneo a partir de 1937 com a construção de uma série de casas, constituindo, atualmente a chamada Zona Ampliada. Esta denominação é oriunda do fato de que essas terras que pertenciam a particular foram incorporadas ao patrimônio da União, por compra, em 1942.

Na estrutura urbana da cidade de Rio Branco observamos que apenas o bairro de Penápolis teve uma planta organizada e previamente traçada, com algumas ruas arborizadas com mangueiras, enquanto os outros bairros como: Empresa, Quinze (Fig. n.º 13) Papoclo e a Zona Ampliada se desenvolveram espontaneamente¹¹.

Na margem esquerda do rio Acre, no bairro de Penápolis se encontram os prédios mais importantes da administração como: Palácio do Governo, Quartel da Polícia Militar, Departamento de Geografia e Estatística, Departamento de Educação e Saúde (SESPE), Mercado Municipal, filial do Banco do Brasil, Instituto Getúlio Vargas, etc. Na margem oposta — bairro de Empresa — estão as casas de comércio, pertencentes principalmente a sírios em sua origem e hoje sucedidos por seus herdeiros brasileiros.

Resumindo podemos dizer que a cidade de Rio Branco resultou do crescimento que se realizou próximo ao seringal Empresa. A evolução da estrutura urbana pode ser classificada como a da existência de bairros cuja planta é constituída por ruas sinuosas como as de Empresa, resultante da construção das primeiras casas. Uma segunda fase que começou a partir de 1909 — a das novas instalações, obedecendo ao plano urbanístico mandado realizar por GABINO BESOURO, e finalmente uma última fase — a do desenvolvimento da cidade no trecho imediatamente ao norte do centro urbano, constituindo a chamada Zona

¹¹ O bairro de Empresa teve esta denominação por estar em frente à sede do seringal Empresa. As terras da sede do seringal, onde GABINO BESOURO começou a construção de um novo bairro recebeu o nome de Penápolis.

Ampliada. Do ponto de vista da morfologia urbanística, até 1928 existiam apenas casas de madeira (Figs. ns. 14 e 15), e somente a partir desta data surgiram as primeiras casas de alvenaria.

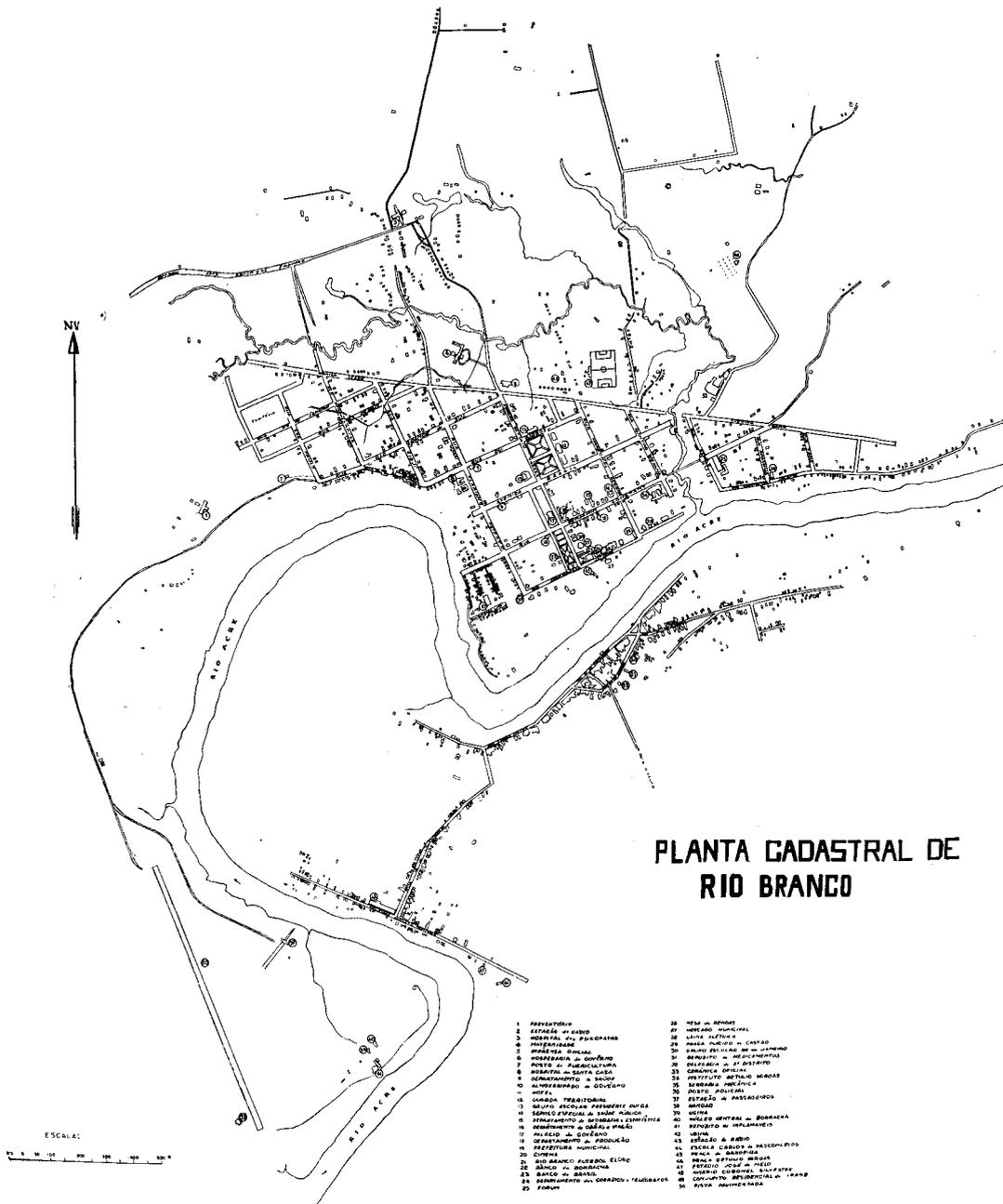


Fig. 6

ASPECTOS ECONÔMICOS DA CIDADE

Não vamos aqui apresentar uma planta funcional minuciosa da cidade, mas apenas em linhas gerais alguns aspectos da vida desse núcleo urbano que concentra cerca de 9 592 habitantes, segundo o último recenseamento de 1950.

Os seus fundamentos econômicos estão assentes de modo geral na economia instável da coleta de produtos da floresta, borracha e castanha, e nos produtos de caça a animais silvestres, como os couros e as peles.

Estudando a vida funcional da cidade analisaremos em primeiro lugar o bairro de Penápolis (margem esquerda) que constitui praticamente o centro político e administrativo do Território. Aí estão tôdas as instalações oficiais da administração federal do Território e também muitas residências sendo um bairro administrativo e residencial.

No bairro de Empresa (margem direita) estão as casas de comércio misto. Estudando-se a estrutura urbana dêsse bairro, observa-se que êle tem a forma alongada, procurando, porém, se afastar pouco do rio (Fig. n.º 2). O crescimento dêsse bairro comercial, se verifica aproximadamente em direção do SSW, ligando-se com o bairro do Quinze (residencial).



Fig. 7 — Palácio do Governo do Território do Acre na cidade de Rio Branco.
(Foto do Governo do T. F. do Acre).

As casas comerciais do bairro de Empresa realizam indistintamente quase todo o comércio a varejo e a atacado, sendo o grosso dêste último feito para o abastecimento dos seringalistas. O comércio a varejo é realizado com os habitantes da cidade.

No bairro de Penápolis, próximo ao local da travessia de uma para outra margem, que é feita em pequenas embarcações — “catraias” — está o Mercado Municipal que funciona diariamente. Aos domingos, porém, o seu comércio é mais movimentado com a vinda dos colonos das redondezas que vendem diretamente os seus produtos no mercado. Descem aos sábados à tarde para a cidade e regressam no domingo à tarde, ou na segunda-feira pela manhã. O abastecimento da cidade em gêneros alimentícios é feito em parte pelos produtos vindos das colônias e em parte, pelos produtos importados (Fig. n.º 16). Mais adiante teremos oportunidade de tratar dos problemas referentes ao abastecimento da cidade.

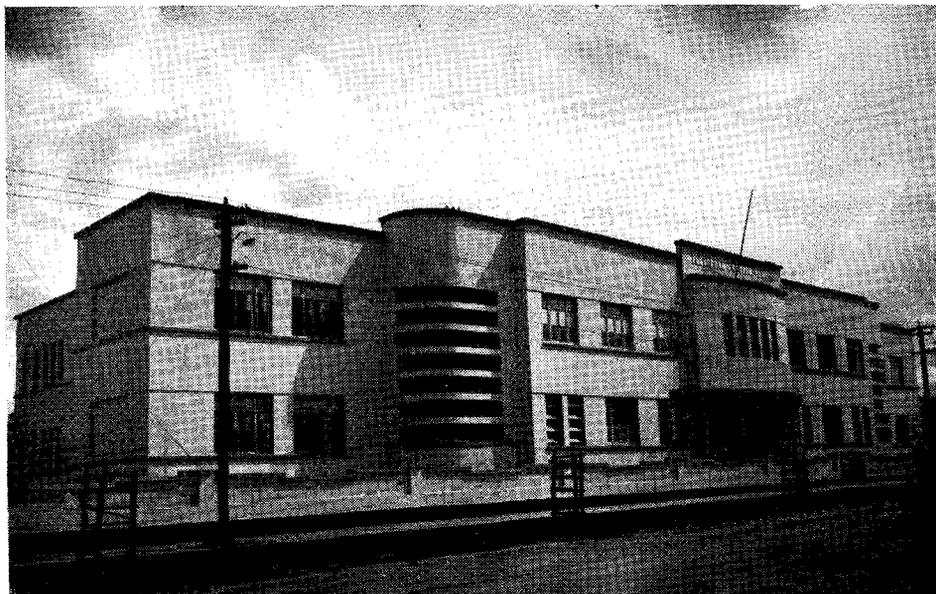


Fig. 8 — Uma das boas edificações da capital do Território: Instituto Getúlio Vargas.

Na margem esquerda do rio Acre ao norte do bairro residencial e administrativo situa-se a Zona Ampliada, e a noroeste, o bairro do Papoclo também residencial. A morfologia urbana porém, revela tratar-se de residências ocupadas por indivíduos de nível de vida sensivelmente mais baixo que os de Penápolis.

Na zona urbana de Rio Branco, do ponto de vista econômico há pequenas indústrias como: sapatarias, usinas mecânicas, serrarias manuais, casas de farinha e padarias¹² com pequeno número de mão de obra. Nos locais mais afastados do centro urbano, área suburbana ou mesmo rural, acham-se instaladas várias olarias para fabricação de tijolos, telhas, etc. Na zona urbana, porém, funciona uma olaria do governo, onde se fabricam tijolos, telhas, ladrilhos, marmorites, manilhas, etc.

Quanto ao aspecto referente aos meios de transporte dentro do centro urbano, devemos acentuar que embora a cidade seja extensa, ainda não existe um serviço organizado de veículos para o transporte coletivo, sendo o maior número de deslocamentos feitos a pé.

As ligações entre o bairro de Penápolis e o de Rio Branco são realizadas por meio de pequenos barcos — catraias — que funcionam durante o dia e a noite. Urge para o futuro a construção de uma boa ponte para assegurar ligações mais fáceis entre as duas margens do rio¹³. O encaixamento do rio Acre obrigou a construção de duas grandes escadas de madeira para facilitar as ligações de um lado com o outro da cidade (Fig. n.º 2).

Quanto à questão do abastecimento, Rio Branco recebe gêneros alimentícios dos núcleos coloniais que lhe estão próximos. Além dos produtos que vêm

¹² O funcionamento das padarias depende da existência de farinha de trigo no mercado. Geralmente há interrupções mais ou menos prolongadas.

¹³ Segundo informações do ex-governador do Território Cel. JOSÉ GUIOMARD SANTOS, em nota a este trabalho, já existe um projeto do engenheiro MACHADO COSTA — construtor da ponte Brasil-Argentina — para a construção da ponte sobre o rio Acre, em Rio Branco.

diretamente dêsses centros produtores, importa também muitos gêneros de primeira necessidade do sul do país.

Os legumes, cereais e frutas vêm em grande parte da zona rural, pois na zona urbana apenas existem por vezes hortas caseiras¹⁴. A existência de chácaras junto à cidade para o fornecimento de hortaliças não é conhecida. A produção porém que vem da zona rural, isto é, dos núcleos coloniais não dista mais de 3 a 10 quilômetros do centro urbano.

O consumo de gêneros de primeira necessidade importados do sul do país é relativamente grande em Rio Branco. O frete encarece cerca de 45 a 55% o preço da mercadoria. Consome-se em Rio Branco, arroz, batata inglesa e cebolas produzidas no Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina¹⁵. Algumas vezes êstes produtos são comprados a intermediários na praça de Manaus ou Belém e outras vezes o comércio é feito diretamente com as praças de origem. O custo de vida em virtude das dificuldades de transporte e do pequeno volume da produção, é sensivelmente elevado, sendo os padrões de vencimentos baixos¹⁶.

Preços de alguns dos principais produtos:

CUSTO DE VIDA NO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO — 1950¹⁷

| GÊNEROS | Unidade de referência | Preço (Cr\$) |
|-------------------------------|-----------------------|--------------|
| Açúcar..... | Quilo | 7,00 |
| Arroz..... | » | 7,00 |
| Banha..... | » | 25,00 |
| Batata doce..... | » | 3,00 |
| Batata inglesa..... | » | 18,00 |
| Café em grão..... | » | 22,50 |
| Carne verde..... | » | 10,00 |
| Carne de porco..... | » | 15,00 |
| Carne seca..... | » | 25,00 |
| Farinha de mandioca..... | » | 4,00 |
| Feijão..... | » | 7,00 |
| Manteiga..... | » | 52,00 |
| Pão..... | » | 8,00 |
| Peixe fresco..... | » | 15,00 |
| Peixe salgado (Pirarucu)..... | » | 22,00 |
| Toucinho..... | » | 20,00 |
| Galinha..... | Cabeça | 35,00 |
| Leite..... | Litro | 5,00 |
| Ovos..... | Dúzia | 18,00 |
| Pato..... | Cabeça | 35,00 |

Quanto ao abastecimento em carne fresca, quase toda vem da Bolívia. O gado vacum é transportado a pé, até próximo de Rio Branco onde fica internado em áreas de pastagens da Fazenda Nemaia (campos Esperança e Gavião).

¹⁴ Não há, na cidade do Rio Branco, assim como em outras que conhecemos na Amazônia, o hábito de se fazer hortas caseiras.

¹⁵ Deixamos de fazer referências à importação de feijão por ser quase nula. Quanto ao arroz, embora a produção tenha aumentado, observa-se que a importação continua crescendo. A maior parte dessas importações provêm, todavia, do Estado do Pará, segundo informações do ex-governador do Território, JOSÉ GUIOMARD SANTOS.

¹⁶ Deve-se, porém, fazer exceção aos funcionários do governo, cujos salários são os mesmos dos civis federais.

¹⁷ Dados estatísticos do Departamento de Geografia do Território do Acre.

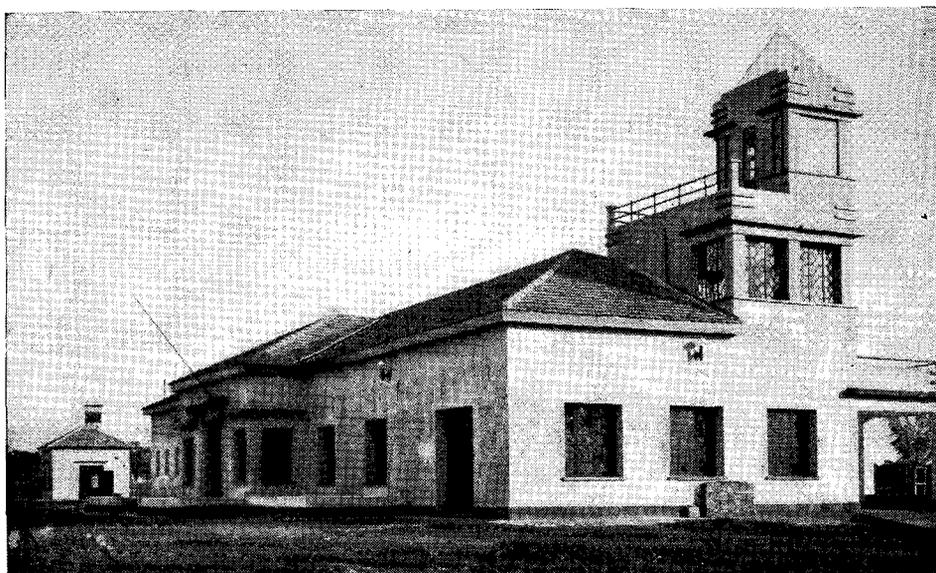


Fig. 9 — Estação do aeroporto Salgado Filho, na cidade de Rio Branco.
(Foto do Governo do T. F. do Acre).

Comércio — a vida econômica da cidade, bem como a de todo o Território sempre esteve em função das cotações alcançadas pela borracha e pela castanha, que são as maiores fontes de riqueza da região. O comércio é portanto feito principalmente com estes produtos de exploração da floresta e os couros e peles silvestres. Esses produtos de exploração são transportados por via fluvial, dirigindo-se às praças de Manaus e Belém.

O uso do transporte aéreo nas ligações comerciais entre as praças de Rio Branco e do sul do país começou em 1939, quando os Serviços Aéreos Cruzeiro

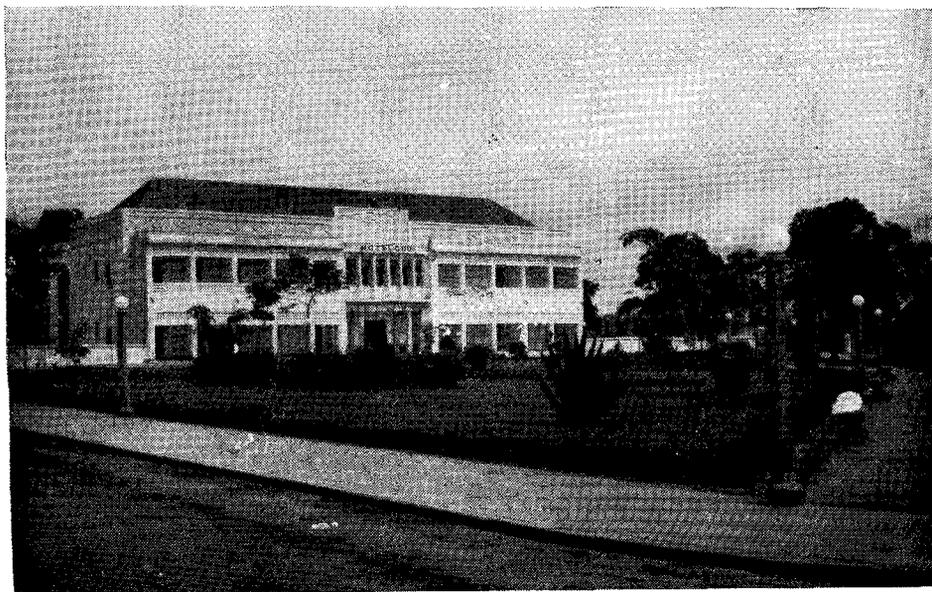


Foto 10 — Hotel Xuí.
(Foto do Governo do T. F. do Acre).

do Sul inauguraram a sua linha para o Acre. Atualmente este transporte chega a cerca de 160 toneladas anuais. Os principais produtos importados por via aérea são: tecidos, calçados e medicamentos. Além da Cruzeiro do Sul, a partir deste ano (1950) a Panair também está contribuindo para aumentar a importação do Acre. Finalmente temos o Correio Aéreo Nacional que transporta as mercadorias do governo do Território.

Quanto à exportação esta tem-se limitado ao "laminado Arantes"¹⁸ que começou a ser realizada em 1948.

O preço atingido pela borracha laminada pelo processo Arantes em São Paulo — cerca de Cr\$ 32,00 o quilo — permitiu que os seringalistas enviassem o seu produto a Rio Branco e daí tomasse o rumo do Sul, por via aérea. Os transportes são feitos pelos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul que cobram o frete de Cr\$ 6,00 por quilo.

De modo geral não só o comércio de Rio Branco, mas o de todo o Território é feito principalmente com as praças de Manaus e Belém. Somente com o alto preço atingido pela borracha, está também sendo esta exportada para São Paulo.

NÚCLEOS COLONIAIS DE RIO BRANCO

Os principais núcleos e sua fundação — A economia da região sendo inteiramente baseada na coleta de produtos nativos da floresta, é até certo ponto interessante salientar a nova iniciativa que vem sendo feita no Território a partir de 1942, no sentido de colonizar a região.

Como assinalou J. M. B. CASTELO BRANCO ao tratar da economia do Acre, "Não se dedicaram os acreanos no seu primeiro ciclo à lavoura e ao pastoreio, como no resto no Brasil, nem houve ali, como na Amazônia, um período de "coleta de drogas"¹⁹. A fixação do homem ao solo tem merecido ultimamente a atenção dos especialistas que procuram planejar de modo sistemático a sua ocupação efetiva e os problemas correlacionados com a produção agrícola e pecuária; assim, essa transformação criando a lavoura reduziu "o nomadismo agrícola da população rural habituada a plantar aqui e ali apenas o necessário para sustento próprio e isso mesmo quando encontrava boa vontade da parte de proprietários de terras, dando-lhes consentimento para cultivar o solo"²⁰.

No município de Rio Branco observamos que as questões referentes à colonização podem ser encaradas sob dois aspectos: 1.^o — uma fase pioneira de colonização que pode ser sinônimo de *fase de povoamento*; 2.^o — uma fase de colonização planejada com o verdadeiro objetivo de fixar o homem ao solo. Esta última data do ano de 1942, quando o governador OSCAR PASSOS encarregou o agrônomo PIMENTEL GOMES de apresentar um plano sistemático de colonização.

¹⁸ "Laminado Arantes" — borracha fabricada por um novo processo no Território do Acre e que apresenta propriedades da borracha crepe.

¹⁹ J. M. B. CASTELO BRANCO "Economia Acreana" in *Boletim da Sociedade Brasileira de Geografia* ano I, n.º 2, pp. 35/40 (p. 35).

²⁰ "Fomento da Produção Agro-Pastoril e da Indústria Extrativa" in: *O Acre* 25-4-1950 (p. 7).

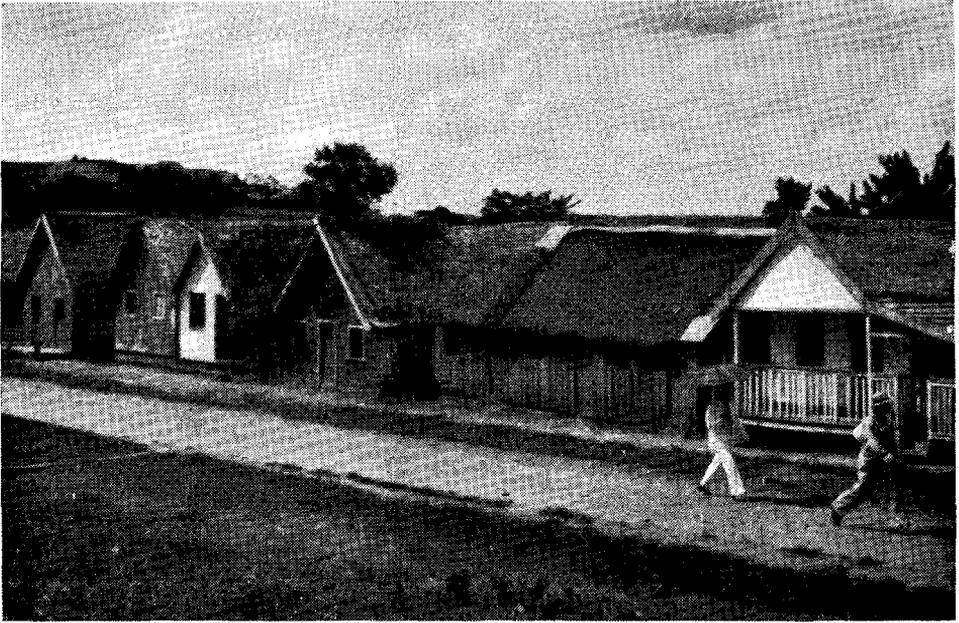


Fig. 11 — Aspecto do bairro do Papoclo.

(Foto Michel Brochu).

O primitivo plano de PIMENTEL GOMES é o de que fôsse instalado no Território pelo menos uma colônia em cada um dos sete municípios. Com estas novas medidas de divisão do solo se evitaria a existência de grandes latifúndios impossíveis de serem explorados economicamente.



Fig. 12 — Casas construídas sem revestimento, inteiramente de fôlhas de palmeira, no bairro do Papoclo. Apenas a armação é feita de madeira.

(Foto Michel Brochu).

As primeiras colônias do município de Rio Branco estavam sob a orientação da prefeitura municipal e foram elas: “Gabino Besouro” (1908), “Deocleciano de Sousa” (1912) e “Cunha Vasconcelos” (1913).

Nenhuma orientação foi dada a êstes núcleos tendo apenas sido encaminhados alguns caboclos para tomar conta dos lotes.

A partir de 1942 o governador OSCAR PASSOS tomou a primeira iniciativa para a realização efetiva do plano de colonizar a região nos arredores da cidade de Rio Branco, comprando as terras do seringal Empresa, e incumbindo o agrônomo PIMENTEL GOMES de organizar o plano dessa colonização.

As terras do seringal Empresa foram adquiridas em 1941 para serem divididas em vários núcleos, porém somente a partir de 1943 começaram a se estabelecer os primeiros lotes. O primeiro plano organizado pelo agrônomo PIMENTEL GOMES estabelecia um loteamento constando de áreas apenas para agricultura. Êstes lotes teriam as dimensões de 250 x 1.000 m. A idéia dêsse técnico ao dividir essas terras em pequenos lotes foi realizar a agricultura e a pecuária associadas à silvicultura ²¹.



Fig. 13 — Aspecto do bairro do Quinze da cidade de Rio Branco.
(Foto do Governo do T. F. do Acre).

A realização dêsse plano foi levado a efeito durante o governo do Cel. José GUIOMARD SANTOS, que em maio de 1947, pelo decreto n.º 83, transformara os 80.000 ha. de terra do seringal Empresa em núcleos coloniais. Mas, a execução efetiva somente foi realizada nos anos de 1949 e 1950 criando-se então quase todos os núcleos ²².

Embora as inaugurações oficiais tivessem ocorrido nos anos citados o trabalho de colonização já havia começado desde 1946, quando o governador

²¹ No seringal Empresa a divisão dos núcleos coloniais em lotes apresenta dois tipos: lotes de 25 hectares e lotes de 12½ hectares.

²² Núcleos coloniais criados em 1949 e 1950, Juarez Távora, (1949), Dias Martins (1949), Alberto Tôres (1949), Daniel de Carvalho (1950), Governador J. Guiomard Santos (1950), Mâncio Lima (1950).

procurou aproveitar as levas de indivíduos que se encontravam em graves dificuldades financeiras com a extinção do exército da borracha. Esta foi a solução mais favorável que encontrara o governador para poder socorrer as pobres vítimas da campanha da borracha. As primeiras experiências positivaram assim praticamente as bases da colonização do atual Núcleo Colonial Seringal Empresa.

O trabalho preliminar da organização dos serviços de colonização dentro do Território ainda se achava numa fase embrionária, podendo-se dizer que somente a partir de 1950, tomou os seus verdadeiros fundamentos. O serviço de colonização existiu também no governo de OSCAR PASSOS mas era apenas uma secção do Departamento da Produção.

O resultado da inexistência de um serviço organizado é que hoje não se conhece nem ao menos a data de fundação de várias colônias. Quanto às plantas dos núcleos coloniais na maioria dos casos não existem. Partindo-se desses fatos preliminares pode-se concluir o que era a assistência técnica dada a esses caboclos na sua quase totalidade nordestinos.

ORGANIZAÇÃO DAS COLÔNIAS

1 — Demarcação dos lotes e posse da terra.

O problema da delimitação da área a ser ocupada pelos novos colonos nas terras do seringal Empresa e em outras se reduz a uma operação muito simples, bem como o da entrada dos colonos para os núcleos.

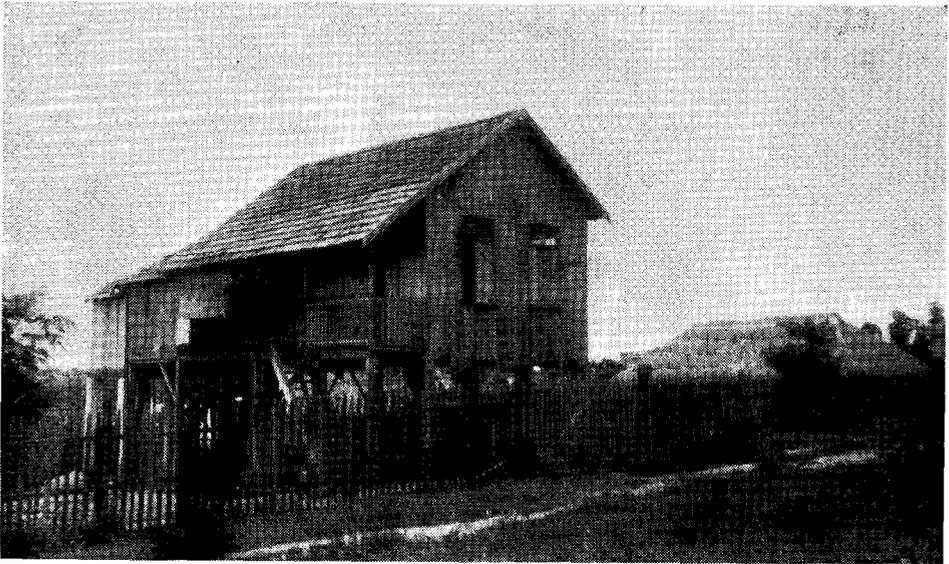
Para ter acesso a um lote o colono se apresenta diretamente ao administrador do Núcleo Colonial Seringal Empresa, ou à Secção de Colonização e manifesta o seu desejo, pedindo terras para a agricultura e para a extração da borracha. O requisito solicitado é que o colono prove a sua identidade²³. Uma vez aceito, êle obtém o seu lote e um ano depois é verificada a sua produção, sendo-lhe então concedido o título provisório.

O colono tem direito de escolher o núcleo da colônia em que deseja trabalhar. Preenchida a ficha, fica registado o seu nome e a composição de sua família. Uma vez cumpridas estas exigências preliminares o colono fica assistido pelo administrador do núcleo, pelo enfermeiro e pelos agrônomos do Fomento da Produção Vegetal e da Secção de Colonização.

Na localização do colono dentro do seu lote a única preocupação é marcar a "testada" — o que é feito ao longo dos caminhos, e os limites em profundidade, de maneira aproximada.

Algumas vèzes, o lote a ser concedido não tem "testada". Neste caso adota-se o processo de intercalar entre cada dois lotes um caminho de 10 metros que dá acesso ao lote interior, e assim, sucessivamente. Dentro do seu lote o colono tem os caminhos que são de sua propriedade exclusiva. A demarcação dos lotes é feita sempre partindo do último colono estabelecido.

²³ Segundo informações do ex-governador JOSÉ GUIOMARD SANTOS — a quem se deve praticamente a execução da tarefa colonizadora no seringal Empresa — em nota introduzida a êste artigo, as exigências para obtenção de terras são muito elásticas, não se cumprindo à risca as instruções publicadas, isto com o fim de facilitar a entrada dos seringueiros nordestinos.



Figs. 14 e 15 — Dois tipos de “chalets” construídos de madeira, sendo o primeiro sôbre estacas de uns 2,50 m de altura, e o segundo ao rés do chão.

(Foto Miriam Coelho Mesquita).

O título definitivo de posse das *terras agrícolas* só é concedido ao colono depois de preenchida uma série de requisitos como: a — residir com sua família no lote, ali trabalhando e dirigindo os trabalhos agrícolas e pastoris; b — não vender, hipotecar, trocar, transferir ou alienar de qualquer modo o lote, casa e benfeitorias, sem prévia autorização da administração e sem que liquide antes o débito contraído com o govêrno por quaisquer fornecimentos; c — conservar no mínimo a quarta parte da área total do lote em mata, ou proceder ao reflorestamento na mesma proporção, se já houver sido devastada; d — pagar Cr\$ 10,00 por hectare ou fração como preço do lote, ao receber o título definitivo; e — ocupar, no mínimo, dois hectares com seringueiras de plantio; f —

apresentar, no fim do primeiro ano de ocupação, pelo menos, três hectares com culturas diversas, sem o que lhe será cassado o título provisório²⁴.

Embora a regulamentação do núcleo colonial procure de certo modo atenuar o esgotamento dos solos, exigindo de seus colonos a preservação de um mínimo de mata para cada lote, e o reflorestamento, na prática o que se verifica é o trabalho desordenado e empírico do caboclo. À medida que este sente o esgotamento da terra deixa-a em "pousio" para que a capoeira se instale sobre a antiga terra de cultura tornando-a novamente fértil.

Nas *terras florestais* os colonos além da obrigação de realizar o trabalho do extrativismo da borracha, devem também praticar a agricultura e a criação de animais domésticos de forma a garantir a subsistência da família.

Essas terras somente são dadas aos seringueiros. Estes devem provar que a sua ocupação tem sido a de extrair borracha. Em cada "colocação"²⁵ o homem recebe cerca de 3 estradas, e cuida de 150 "madeiras"²⁶ no máximo. Cada estrada tem aproximadamente 8 quilômetros, cujo percurso o seringueiro faz diariamente duas vezes.

Para conseguir o título definitivo deve ainda plantar seringueiras durante três anos consecutivos, nos roçados e nas estradas, intercalando-as com as nativas²⁷.



Fig. 16 — Aspecto do porto de Rio Branco na estação das cheias, onde atracam os navios que fazem as ligações da cidade de Rio Branco com outras da Amazônia.

(Foto do Governo do T. F. do Acre).

As chamadas *terras urbanas* situadas imediatamente ao norte da avenida Ceará, embora enquadradas dentro da área do Núcleo Colonial Seringal Em-

²⁴ Núcleo Colonial Seringal Empresa. "Licença de ocupação, a título provisório" (Terras agrícolas).

²⁵ Termo regional adotado para os lotes utilizados onde há seringueiros.

²⁶ Termo regional utilizado para cada pé de hévea.

²⁷ Núcleo Colonial Seringal Empresa. "Licença de ocupação, a título provisório" (Terras florestais).

prêsa, constituem uma aberração a sua distribuição em lotes, que em absoluto não são destinados a colonização.

O título definitivo de posse é concedido mediante o cumprimento das seguintes cláusulas: a — cercar o lote com estacas e ripas a prumo, pelo menos a frente voltada para as ruas e praças no prazo máximo de 6 meses após a data do título provisório;

b — construir dentro do prazo de um ano, ou concluir no de seis meses a partir da data da expedição do referido título, o prédio destinado a residência própria;

c — não vender, hipotecar, trocar, transferir ou alienar de qualquer modo o lote, casa ou benfeitorias, sem prévia autorização da administração, enquanto o núcleo não estiver emancipado, mesmo que já possua o título definitivo;

d — conservar limpa a testada de seus terrenos, bem como as valas que existirem para escoamento das águas do lote;

e — pagar o preço do lote à razão de Cr\$ 0,20 por metro quadrado ou fração, no ato de obter o título definitivo que será expedido depois de decorrido um ano da data do provisório²⁸.

A conclusão que se tira das próprias cláusulas do contrato é que o governo realiza uma distribuição de *terras urbanas* que se destinam ao povoamento da Zona Ampliada e não à colonização. Esta área é normalmente invadida pela expansão da cidade.

As chamadas *terras urbanas* deveriam ser aquelas que em cada um dos diversos núcleos estivessem próximas ao conjunto mecânico, ao pôsto médico, à delegacia de polícia, etc. Normalmente as porções de terra junto a estas instituições do governo serão mais procuradas e num futuro remoto se transformarão numa vila ou num povoado. Aliás um bom exemplo pode ser tomado na colônia agrícola Guimard dos Santos, onde o Quinari dentro de alguns anos será possivelmente a sede de um povoado. Êste sistema de concessão de terras urbanas pode redundar numa especulação prejudicial num futuro muito próximo.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA, FINANCEIRA E SOCIAL

O problema da assistência aos colonos é muito importante, pois, êstes necessitam um amparo inicial grande, durante o período de sua instalação no lote. Geralmente são colonos nordestinos e não possuem nenhum pecúlio econômico para sua subsistência.

Os que vão para as terras de matas colhêr látex *desde logo têm a hévea à sua disposição*, enquanto os que se dedicam à agricultura têm apenas no início um pouco de lenha e de carvão que resultaram da “broca” e derrubada²⁹. Esta primeira produção do colono é levada em caminhão da Divisão de Produção para a cidade de Rio Branco.

A assistência financeira do Serviço de Colonização dada ao colono consiste no financiamento de Cr\$ 600,00 mensais durante um ano. Findo êste prazo êle

²⁸ Núcleo Colonial Seringal Empresa. “Licença de ocupação, a título provisório” (Terras urbanas).

²⁹ Broca — termo regional utilizado em Rio Branco para designar o preparo do terreno, a terçado, derrubada — corresponde à devastação da mata feita com o machado. Fase que segue a broca.

fica na obrigação de repor êste dinheiro aos cofres federais em prestações suaves. Do financiamento já realizado a experiência provou que até agora os colonos ainda não repuseram o referido dinheiro.

Quanto à assistência técnica, consiste apenas em fornecer mudas, sementes, parte das ferramentas e a orientação dos agrônomos. Também o beneficiamento dos produtos nesses núcleos coloniais geralmente é feito por *conjuntos mecânicos* (Fig. n.º 17) de propriedade do Território. Êstes conjuntos são compostos por um motor destinado a produzir fôrça motriz para as diversas máquinas de beneficiamento agrícola, tais como: engenho de cana, caititu para mandioca, descascador de arroz, debulhador de milho, prensas e fornos para fabricação de farinha, tachos e gamelas para o fabrico de açúcar banguê, rapadura e mel.



Fig. 17 — Conjunto mecânico.

(Foto Michel Brochu).

Para a utilização dêsse material o colono paga uma pequena taxa variável em função do produto a ser beneficiado, e em certos casos, em relação ao volume da produção. Para a *farinha de mandioca*, as taxas são as seguintes:

| | |
|-------------------------------|-----|
| De 1 a 2 000 quilos | 10% |
| De 2 000 a 4 000 quilos | 8% |
| Mais de 4 000 quilos | 6%. |

Para a goma de mandioca a taxa cobrada é de 5% para qualquer quantidade de produção e para a fabricação de açúcar, mel e rapadura é de 10% também para qualquer quantidade.

No beneficiamento do arroz as taxas variam entre 6 e 10% cobradas em função do volume do produto a ser beneficiado.

Do ponto de vista da assistência social não existem serviços organizados, valendo-se os colonos dos próprios serviços existentes na cidade de Rio Branco. Os núcleos coloniais têm também, escolas rurais (Fig. n.º 8) que funcionam para os filhos dos colonos.

SISTEMAS DE CULTURA

Os colonos nordestinos estão trabalhando a terra de maneira empírica com a clássica "broca" e "derrubada" colocando a seguir o fogo para depois realizarem suas culturas. A "broca" e a "derrubada" geralmente são feitas nos meses de junho a julho e a queimada no mês de setembro. Costumam começar no primeiro ano, plantando milho nos meses de outubro e novembro sendo sua colheita realizada de março a maio. Posteriormente plantam macaxeira, arroz de espigão, feijão, etc. Algumas vezes fazem culturas associadas de feijão e milho. Os campos de mandioca são todavia quase sempre ocupados apenas com este tipo de cultura. Aliás isto se explica pelo fato de plantarem os pés pouco espaçados e no fim de alguns meses eles alcançarem mais de 1,00 m cobrindo inteiramente o solo. Talvez pudessem aproveitar mais fazendo uma cultura associada cujo ciclo fôsse curto. Esta experiência deveria ser feita nos postos experimentais.

O processo caboclo da rotação de terra com culturas itinerantes é o adotado em todos os núcleos das colônias. Não existem máquinas para preparar o solo, nem usam adubos, limitando-se apenas ao emprêgo da enxada, e uma vez esgotada a área de cultura deixam-na em repouso por alguns anos até que haja a reconstituição natural do solo.

As terras da colônia de Gabino Besouro cuja fundação foi realizada em 1908, hoje estão transformadas em pastos (Fig. n.º 19) para invernagem do gado que vem da Bolívia para ser consumido em Rio Branco ³⁰.

Apenas no Pôsto Agro-Pecuário do Serviço do Fomento Agrícola situado a 4 quilômetros de Rio Branco, na estrada para o Quinari, e na Estação Experimental Agrícola do Núcleo Colonial Seringal Empresa estão os agrônomos fazendo seus ensaios, utilizando todos os recursos da técnica moderna. A finalidade dessas estações experimentais é fornecer aos colonos sementes, mudas selecionadas, dados fito-sanitários, climatológicos, etc.

O sistema itinerante da agricultura nesses núcleos coloniais recentes nos leva a prever um esgotamento dessas terras num futuro muito próximo. Aliás

³⁰ Os primeiros pastos para invernagem do gado da Bolívia na região foram abertos em 1908 na fazenda N. Maia — segundo A. I. DE OLIVEIRA. Existia em 1923 cerca de 150 ha. de pastos cujas quadras, foram abertas respectivamente nos anos de 1908, 1913, 1917, 1920/1921 e 1923. Os primeiros salários pagos foram de Cr\$ 10,00 diários. Já nos anos de 1920/1921 e 1933 foram pagos respectivamente Cr\$ 4,00 e Cr\$ 5,00 (AVELINO I. OLIVEIRA *Relatório da Comissão Brasileira junto à Missão Oficial Norte-Americana de Estudos do Vale do Amazonas* pp. 136/137).



Fig. 18 — Escola rural da colônia agrícola “Alberto Tôres”, inaugurada em 1949.
(Foto do Governo do Território Federal do Acre).

as antigas terras da colônia Gabino Besouro hoje transformadas em áreas de pastagem devem servir de exemplo como resultado do uso desregrado da terra sem planejamento. Não basta apenas pensar em colonizar, é necessário cuidar dos colonos e dar-lhes constante orientação técnica de modo que os sistemas agrícolas sejam melhorados. Caso contrário, dentro em breve novas áreas de pastagem serão acrescidas às já existentes.



Fig. 19 — Aspecto dos campos na área da antiga colônia agrícola Gabino Besouro, hoje utilizada para invernagem do gado vindo da Bolívia.
(Foto do Governo do T. F. do Acre).

NÚCLEO COLONIAL SERINGAL EMPRÊSA

A região do seringal Emprêsa está situada no norte da cidade de Rio Branco e se expande por uma área de 80 000 hectares.

A topografia da região é ondulada, não possuindo, porém, nenhum desnível relativo importante. A natureza dos solos é areno-argilosa, tomando muitas vezes a coloração vermelho-viva. Embora não tivéssemos feito um estudo minucioso da região, não encontramos a formação de crostas de canga como aparecem em vastas porções do território amapaense. A poucos quilômetros a sudoeste da cidade de Rio Branco na estrada para o Abunã, na colônia Coronel José Guiomard Santos, encontramos pequenos blocos ferruginosos que nos pareceu tratar-se de uma hematita compacta. A coloração do solo nesse trecho é de um vermelho muito vivo.

A topografia ondulada da região auxiliará os outros fatores negativos do meio ambiente para um esgotamento mais rápido dessas áreas.



Fig. 20 — Casa de colono construída sobre estacas, vendo-se a cobertura e parte do alpendre fechados com folhas de palmeira. As paredes são de tábuas não aparelhadas e justapostas verticalmente uma ao lado da outra. O acesso à casa é feito pela pequena escada em frente ao alpendre onde o caboclo passa grande parte das horas de lazer. Foto tirada na colônia São Francisco. (Foto do Departamento Territorial de Imprensa e Propaganda do Acre).

Os solos da região do seringal Emprêsa não foram sujeitos a uma análise mecânica e química antes da intenção de se começar a explorá-los economicamente com a agricultura.

Na colônia de São Francisco se iniciou aproximadamente no ano de 1943 este plano de pequenas propriedades grupadas, em substituição ao grande latifúndio (Fig. n.º 20). Outra colônia fundada também neste ano dentro das terras do antigo seringal Emprêsa, foi a de Apolônio Sales (Fig. n.º 21)³¹.

Este sistema de colonização sofreu uma certa interrupção por ocasião do governo Silvestre Gomes Coelho que arrendou a um particular as terras do

³¹ Esta última esteve durante algum tempo abandonada.

seringal Empresa para exploração da borracha. A partir de 1946 novamente foi retomada a primitiva idéia de colonizar as áreas próximas da cidade de Rio Branco, tendo o governador J. GUIOMARD SANTOS fundado mais seis colônias dentro do seringal Empresa³².

A área do núcleo seringal Empresa foi dividida em 8 colônias agrícolas com 422 lotes e mais a zona florestal e urbana com 441 lotes³³. De acordo com o último recenseamento feito em junho de 1951³⁴ na colônia, os resultados foram os seguintes:

| COMPOSIÇÃO DAS ZONAS | Número de lotes |
|----------------------------|-----------------|
| Zona florestal..... | 103 |
| » urbana..... | 338 |
| Zona agrícola: | |
| Colônia São Francisco..... | 68 |
| » Juarez Távora..... | 79 |
| » Apolônio Sales..... | 56 |
| » Alberto Tôres..... | 68 |
| » Mâncio Lima..... | 49 |
| » Cecília Parente..... | 23 |
| » Dias Martins..... | 76 |
| » Sousa Ramos..... | 9 |

Quanto ao número de colonos existentes não sabemos exatamente, pois o recenseamento limitou-se a contar todos os habitantes da região discriminando apenas o sexo e agrupando-os em duas classes; maiores e menores de 12 anos:

| COMPOSIÇÃO DAS ZONAS | POPULAÇÃO | | | | Total |
|----------------------------|--------------------|--------------|--------------------|------------|--------------|
| | Maiores de 12 anos | | Menores de 12 anos | | |
| | M | F | M | F | |
| Zona florestal..... | 174 | 128 | 127 | 102 | 531 |
| » urbana..... | 570 | 608 | 383 | 370 | 1 931 |
| Zona agrícola: | | | | | |
| Colônia São Francisco..... | 113 | 81 | 72 | 65 | 331 |
| » Juarez Távora..... | 113 | 85 | 79 | 61 | 338 |
| » Apolônio Sales..... | 73 | 60 | 64 | 59 | 256 |
| » Alberto Tôres..... | 36 | 32 | 24 | 41 | 133 |
| » Mâncio Lima..... | 14 | 11 | 7 | 8 | 40 |
| » Dias Martins..... | 61 | 59 | 36 | 55 | 211 |
| » Cecília Parente..... | 52 | 43 | 32 | 28 | 155 |
| » Sousa Ramos..... | 10 | 14 | 9 | 9 | 42 |
| TOTAL..... | 1 216 | 1 121 | 833 | 798 | 3 968 |

Estes dados estatísticos dando um total de 1 216 indivíduos masculinos maiores de 12 anos não significam que todos trabalhem na colônia, pois grande

³² As colônias fundadas foram as seguintes: Juarez Távora, Mâncio Lima, Cecília Parente, Sousa Ramos, Alberto Tôres e Dias Martins.

³³ Deixamos de apresentar um estudo sistemático de todas as plantas dos diversos núcleos do seringal Empresa, pois segundo informações colhidas no Departamento da Produção, as colônias ainda não foram demarcadas. Vamo-nos limitar a fornecer apenas um mapa com as estradas de penetração do seringal Empresa e a planta do projeto de loteamento do núcleo Apolônio Sales.

³⁴ Todos os dados estatísticos referentes ao Núcleo Colonial Seringal Empresa citados neste artigo foram colhidos nos relatórios do referido recenseamento.

parte dos habitantes da chamada *zona urbana* — cêrca de 570 — que vive na faixa contígua ao norte da avenida Ceará, na Zona Ampliada, trabalha na cidade. Hoje êste núcleo já constitui uma área de continuidade da cidade de Rio Branco, existindo mesmo um projeto para sua incorporação ao núcleo urbano, como mais um bairro da cidade³⁵.

Torna-se preciso ainda salientar que parte dos indivíduos recenseados com idade inferior a 12 anos, também trabalha principalmente nas colônias em *zona de floresta*, para recolher o látex. Diante dos dados numéricos do atual recenseamento ficamos impossibilitados de dizer qual o número de colonos que trabalham nas terras do Núcleo Colonial Seringal Empresa e quais os que morando dentro de lotes da zona urbana trabalham na cidade.

A produção mais importante é a da macaxeira, arroz, milho e feijão. Plantam grande variedade de macaxeira, como: *cariri, roça de metro, aporé, baiana, comum*, etc. A variedade *cariri* é a preferida podendo ser utilizada com menos de um ano. Para a produção de farinha somente depois de um ano e meio é que ela pode ser utilizada com bons resultados. Outros dois tipos muito procurados são: *baiana* e *comum*.

As variedades de arroz cultivadas com mais freqüência são: *comum* e *amarelo*, ambos de "terra firme". Quanto ao feijão plantam as seguintes variedades: *mundubi, canário, feijão de praia* e *feijão de arranca*. O mundubi e o feijão canário são os dois mais cultivados e mais procurados.

A produção de frutas embora variada não é suficiente para suprir inteiramente o mercado de Rio Branco.

Seria interessante um estudo pormenorizado do volume da produção agrícola das diversas colônias. Nós porém nos limitamos a uma vista de conjunto apenas da produção sem nos preocuparmos com o rendimento médio por hectare de cada cultura, uma vez que os dados estatísticos nos dão somente a produção correspondente ao segundo semestre de 1950 e ao primeiro de 1951, sem outras referências particulares³⁶.

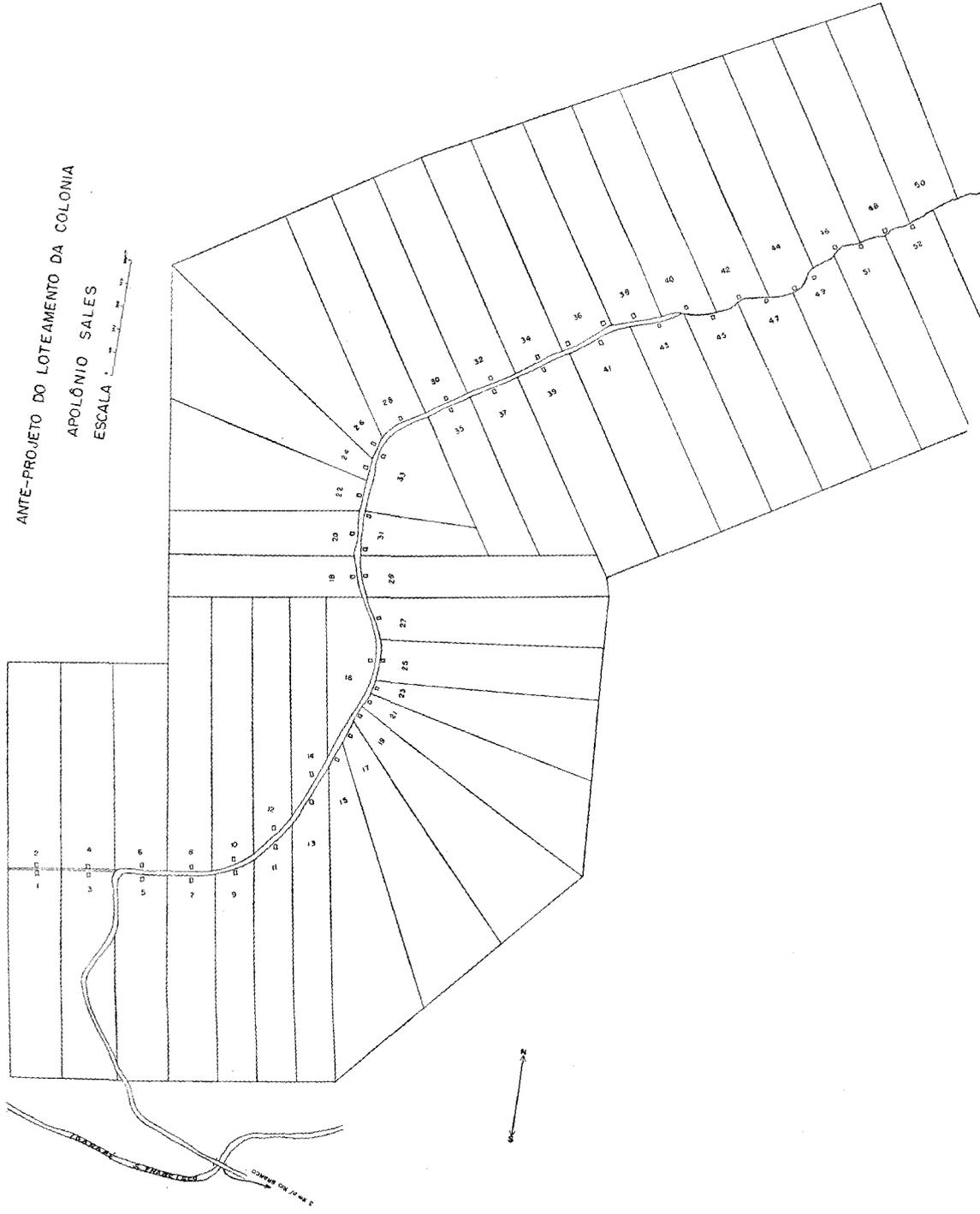
A produção agrícola total no Núcleo Colonial Seringal Empresa no período assinalado acima, foi a seguinte:

| Produto agrícola | Unidade | Produção total | Produto agrícola | Unidade | Produção total |
|-----------------------|---------|----------------|----------------------|---------|----------------|
| Açúcar mascavo..... | Quilo | 318 000 | Jirimuns..... | Fruto | 1 091 |
| Arroz em casca..... | » | 167 785 | Jacas..... | » | 9 095 |
| Abacates..... | Fruto | 137 790 | Laranjas..... | » | 452 800 |
| Abacaxis..... | » | 34 660 | Limões..... | » | 284 200 |
| Bananas..... | Cacho | 613 130 | Limas..... | » | 90 300 |
| Batata doce..... | Quilo | 13 960 | Macaxeira e mandioca | Quilo | 4 298 980 |
| Cajaranas..... | » | 8 500 | Melancias..... | Fruto | 370 |
| Café..... | » | 24 373 | Mamões..... | » | 132 380 |
| Cana de açúcar..... | » | 1 195 000 | Mangas..... | » | 764 000 |
| Côco da praia..... | Fruto | 2 460 000 | Milho..... | Quilo | 660 450 |
| Cupuacu..... | » | 9 940 | Hortaliças..... | » | 27 300 |
| Farinha de mandioca.. | Quilo | 2 470 000 | Tangerinas..... | Fruto | 203 400 |
| Feijão..... | » | 106 286 | | | |

³⁵ No estudo que fizemos dos bairros de Rio Branco o incluímos como a chamada *Zona Ampliada*.

³⁶ No quadro estatístico distinguem por exemplo nas culturas permanentes as árvores que produzem e as novas, e na coluna da área cultivada não fornecem os dados separadamente. Tomando esta precaução evitamos fazer referências ao rendimento médio por hectare cujos resultados seriam sensivelmente mais baixos.

ANTE-PROJETO DO LOTEAMENTO DA COLONIA
APOLÔNIO SALES
ESCALA 1:1000



As colônias mais importantes do ponto de vista da produção agrícola são: Apolônio Sales (Fig. n.º 21), Juarez Távora, São Francisco, Alberto Tôrres e as menos importantes: Mâncio Lima, Cecília Parente e Sousa Ramos.

A produção agrícola da colônia Mâncio Lima, no período do segundo trimestre de 1950 e primeiro trimestre de 1951, foi a seguinte:

| | |
|----------------------|------------------------------|
| Arroz em casca | 650 quilos |
| Abacaxis | 400 frutos |
| Bananas | 250 cachos |
| Laranjas | 400 frutos |
| Macaxeira | 42 000 quilos |
| Milho | 4 500 quilos ³⁷ . |

Quando a produção agrícola necessita transformação ou beneficiamento como: o arroz — descorticagem; a mandioca — farinha sêca e farinha d'água; cana — açúcar mascavo, mel, rapadura, etc. milho — debulho e fabricação de farinha, são realizados pelos conjuntos mecânicos instalados nos núcleos.

As chamadas *terras florestais* apresentam uma boa produção agrícola aliada aos produtos da extração da floresta.

| | |
|---------------------|-----------------------|
| Borracha fina | 60 500 quilos |
| Sernambi | 7 000 " |
| Castanha | 208 barricas |
| Lenha | 400 metros cúbicos |
| Madeiras | 2 400 metros cúbicos. |

Nas colônias agrícolas apenas o núcleo de São Francisco apresenta uma pequena produção de borracha, sendo 30 quilos de sernambi e 100 de borracha fina (fina Acre).

Dentro de um futuro próximo a produção de borracha dessas colônias será na quase totalidade oriunda de seringueiras plantadas. No momento existem cerca de 11 570 pés plantados numa área aproximada de 85 hectares.

Nas terras florestais cada homem cuida de 3 estradas e cada uma produz em média cerca de 8 latas de 2 litros de látex, o que significa uma produção diária de 16 litros. O ritmo porém da produção varia também em função da estação e mesmo da hora do dia em que a seringueira é cortada. A produção diária geralmente é maior quando a planta é cortada de madrugada. A melhor época da coleta de látex é durante o estio, porém, a fase de melhor produção, seria durante o inverno. No período das chuvas — dezembro a março — o caboclo não extrai látex e nas zonas próximas onde há castanhais êle se dirige para a coleta da castanha.

Na tarefa de recolher o látex as crianças em grupos de duas ou três realizam com grande facilidade êste trabalho. Enquanto o homem vai ocupar-se de outras tarefas mais pesadas.

³⁷ Produção do primeiro ano.

Quanto à criação no Núcleo Colonial Seringal Empresa é completamente secundária, restringindo-se praticamente a uma pequena criação doméstica:

| | |
|----------------|--------|
| Bovinos | 1 530 |
| Equínos | 175 |
| Asininos | 52 |
| Ovinos | 381 |
| Caprinos | 16 |
| Suínos | 879 |
| Aves | 17 438 |

A produção de cada colono é vendida individualmente sem nenhuma intervenção da administração geral do Núcleo. Este processo constitui no presente uma solução um pouco instável e poderia ser perfeitamente resolvida com a criação de uma cooperativa encarregada da venda da produção. Outro problema que deve ser tomado em consideração se continuar a mesma organização econômica é o de que a produção das colônias terá que sofrer dentro de um futuro não longínquo uma limitação — pelo menos em certas culturas — para evitar as crises da superprodução. O único mercado consumidor da produção dessas colônias no momento atual é a cidade de Rio Branco. Desde que as necessidades dêsse centro estejam supridas, não há possibilidades de aumentar a produção uma vez que não se organizou o comércio da venda dessas mercadorias.

Outro fator importante a ser considerado é que esta colonização resultou praticamente na adaptação de antigos seringueiros à atividade agrícola. A agricultura e a pequena criação em Rio Branco surgiram por causa da necessidade imposta pela crise da borracha. As chamadas *terras agrícolas* poderão ser abandonadas por estes colonos de uma hora para outra, desde que a borracha torne a alcançar um preço mais vantajoso.

Resumindo podemos dizer que a colonização realizada no seringal Empresa embora represente uma solução momentânea razoável do ponto de vista econômico, levando em conta as circunstâncias do momento histórico em que foi criada, necessita de uma série de precauções contra pontos vulneráveis, os quais já apontamos no decorrer do trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- CASTELO BRANCO, J. M. B. — “Economia Acreana” in *Boletim da Sociedade Brasileira de Geografia*, ano I, n.º 2, pp. 35/40.
- “Importância dos rios acreanos na história e geografia do Acre” (91.º tertúlia realizada em 26-12-941) in *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 22, janeiro de 1945, pp. 1563/1576.
- “Afluentes do rio Juruá: o rio Purus e seus afluentes; o rio Abunã e o Javari; (93.º tertúlia realizada em 12-6-945) in *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 23, fevereiro de 1945, pp. 1720/1733.
- “Comunicação sobre o território do Acre — Tentativa de desbravamento da região do Acre (113.º tertúlia realizada em 12-6-1945), in *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 28, julho de 1945, pp. 595/603.
- “Terra e gente do Acre” in *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 73, abril de 1949, pp. 42/51.

- CASTRO, Genesco de — *O Estado independente do Acre e J Plácido de Castro*, 339 páginas, Rio de Janeiro, 1930.
- FREIRE, Francisco, *Considerações em tôrno do estado atual da economia do Território do Acre* (inédito).
- GOYCOCHEA, Castilhos — *Espírito militar na questão acreana*, 124 páginas, 2 mapas, Rio de Janeiro, 1941.
- GOMES, Pimentel — “Colônias agrícolas acreanas” in *Correio da Manhã*, Rio 27-6-1942.
- LIMA FIGUEIREDO — “A capital do Acre” in *Revista da Semana*, Rio 2-5-1936.
- *Terras de Mato Grosso e da Amazônia*, 347 páginas, ilustr. Rio.
- “O Acre e suas possibilidades” in *Revista Brasileira de Geografia*, ano II, n.º 2, abril, 1940, pp. 173-215.
- LIMA, José Pereira — *Sugestões para organização de um plano de fomento agrícola no Território do Acre* (inédito).
- MEIRA, Raul Arantes — *Prospecção antrope-geo-econômica do plano rodoviário para o Território do Acre* (inédito).
- MEIRA, Raul Arantes — *Prospecção econômica do Território do Acre* (Inédito).
- MEIRA, Raul Arantes — *Importância da borracha na estrutura econômica do Brasil* (Inédito).
- M. BARRETO, E. — *O Território do Acre perante o Tribunal Superior Federal*, 154 páginas, s/data.
- NUNES, Osório — “Uma experiência de colonização” in *A Manhã*, Rio 4-4-1946.
- OLIVEIRA, Avelino Inácio — *Relatório da Comissão Brasileira junto à Missão Oficial Norte-Americana de Estudos do Vale do Amazonas*, 476 páginas, fotografias, ilustrações. Rio de Janeiro, 1924 (Rio Branco pp. 129 a 140).
- OLIVEIRA, Néelson Correia de — “Aspectos geo-sociais do Acre” in *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, pp. 512/513, Rio de Janeiro — 1949.
- OURIQUE, J. — *O Amazonas e o Acre* 475 páginas, Rio de Janeiro, 1907.
- Aspectos municipais de Rio Branco* — Departamento de Geografia e Estatística do Território do Acre, Comunicado n.º 4 — 28-1-1943.
- Dados Estatísticos do Departamento de Estatística do Território do Acre* — 1950.
- Efemérides 1857/1946* — Ed. mimeografada do Departamento de Geografia e Estatística do Território Federal do Acre. Rio Branco, 1947.
- “Fomento da Produção Agro-Pastoril e da Indústria Extrativa” in *O Acre* 25-4-1950 (p. 7).
- “Núcleo Colonial Seringal Empresa” (Uma experiência vitoriosa) in *O Acre* 25-4-1950.
- O Acre atual* — Departamento de Geografia e Estatística. Rio Branco. 1944.
- O Acre e sua produção* (comentários). Departamento de Geografia e Estatística. 1944.
- Relatório do levantamento estatístico efetuado no mês de junho de 1951, no Núcleo Colonial Seringal Empresa pelo Departamento de Produção* (Inédito).
- Território do Acre* (Rio Branco) — Dados extraídos do arquivo do Departamento de Geografia e Estatística do Rio Branco. Arquivo Corográfico do C.N.G.

RÉSUMÉ

Le présent travail comprend deux parties: dans la première qui a pour sujet la ville de “Rio Branco” (capital du Território do Acre) l’auteur nous donne quelques uns de ses aspects géographiques; dans la seconde il s’occupe de la colonisation qui est en train de se réaliser dans le Município de Rio Branco et tout particulièrement du centre colonial “Seringal Empresa”.

Il commence par étudier le lieu où la ville a été bâtie, en faisant remarquer que son choix ainsi que celui de la plupart des villes brésiliennes a été fait par hasard. Le développement qui a suivi la fondation, en 1821, du “Seringal Empresa” a donné naissance à la ville. Rio Branco est située sur des méandres encaissés du Rio Acre, et présente une topographie ondulée.

Ayant l’origine de la ville, l’auteur considère les diverses phases de son évolution.

L’économie du municípe s’appuie surtout sur la cueillette des richesses forestières — le caoutchouc et la noix du Pará, et sur les produits de la chasse aux animaux des bois — le cuir et les peaux.

Pour étudier la vie fonctionnelle de la ville l'auteur entreprend de classifier les principaux quartiers: le quartier de Penápolis, centre politique et administratif; le quartier de "Empresa" commercial (ventes en gros et ventes en détail) et le quartier quinze et Papoclo, quartier de résidence.

Quant à l'approvisionnement de la ville, l'auteur nous fait remarquer que les prix sont élevés et la vie difficile parce qu'il faut faire venir du sud du Pays la plupart des produits alimentaires indispensables. Un tableau des prix des principaux produits alimentaires, pendant l'armée de 1950, illustre son affirmation.

Pour terminer cette première partie, l'auteur parle du commerce de la ville qui dépend de la côte, sur les marchés étrangers, du caoutchouc et de la noix du Pará, principales sources de richesse de la région, la seconde partie considère les centres coloniaux de Rio Branco. L'auteur montre, alors, comment la colonisation du municipio de Rio Branco, à partir de 1942, fut une heureuse initiative, l'économie de la région étant surtout fondée sur la cueillette des produits forestiers.

Il divise la colonisation en deux phases: celle du *peuplement* et, à partir de 1942, celle de la colonisation obéissant à *un plan*. Il décrit la fondation de plusieurs municipes, l'organisation des colonies, l'assistance technique tant financière que sociale donnée par le gouvernement aux colonies, les systèmes agricoles utilisés par les indigènes (caboclos), et termine son travail par une étude minutieuse du centre colonial "Seringal Empresa".

RESUMEN

El autor divide su trabajo en dos partes bien definidas: la primera trata de la ciudad de Rio Branco (capital del Territorio del Acre) y contiene algunos datos geográficos de la misma; la segunda estudia la colonización en el municipio de Rio Branco, en la parte referente al núcleo colonial Seringal Empresa.

El autor comienza por el examen de la situación de la ciudad. Hace destacar que su localización como de la mayoría de las ciudades brasileras se dió por efecto del acaso. Nacida del desarrollo espontáneo de la colonia Seringal Empresa, en 1882, Rio Branco está situada en una región de terrazas a lo largo de las sinuosidades (*meandros*) encajadas del río Acre y presenta una topografía ondulada.

Estudiando todavía los aspectos económicos de la ciudad, demostrando que su economía consiste en la cosecha de productos forestales, caucho y castaña y en los derivados de animales silvestres, como cueros y pieles.

Muestra que los barrios de la ciudad están divididos de acuerdo con sus principales funciones. Son los que siguen: el barrio de Penápolis, centro político y administrativo; el barrio comercial de Empresa: los barrios residenciales del Quince y Papoclo.

Señala que el aumento de vida es debido a la importación del sur del país de los géneros de consumo indispensables, presentando un cuadro de los principales productos consumidos en 1950 y sus respectivos precios.

Demuestra todavía que el comercio local depende del valor atribuido, en el extranjero, al caucho y a la castaña que son las mayores fuentes de riqueza regionales.

En la segunda parte de su artículo, el autor estudia los núcleos coloniales de Rio Branco.

Habla de lo que se viene realizando en el municipio a partir de 1942, en materia de colonización, la cual divide en dos fases: una, de poblamiento y la otra, de colonización planeada, que tuvo inicio en 1942. Examina otros aspectos como la fundación de los núcleos coloniales, la organización de las colonias, la asistencia técnica, financiera y social que les da el gobierno y los sistemas de cultivo empleados por los caboclos. El núcleo de Seringal Empresa merece estudio detallado.

RIASSUNTO

L'autore divide il suo lavoro in due parti distinte: nella prima, tratta della città di Rio Branco (capitale del Territorio dell'Acre), cercando di fornire alcuni dati geografici sulla città stessa; nella seconda, si occupa della colonizzazione che si sta realizzando nel municipio di Rio Branco, dedicandosi specialmente al nucleo coloniale della Empresa di Sfruttamento della Gomma.

Inizia con lo studio della situazione della città, accentuando che la scelta di essa si verificò come per la maggioranza delle città brasiliane per opera del acaso. La città nacque con quello sviluppo spontaneo che si verificò a partire dalla fondazione dell'Empresa di Sfruttamento della Gomma, nell'1882. Rio Branco occupa una zona a terrazze costegiate le sinuosità profonde del Rio Acre, presentando così una topografia ondulata.

Passa quindi ad analizzare l'origine della città, dividendo in varie fasi il suo sviluppo.

Concludendo la prima parte l'autore studia gli aspetti economici della città, la cui economia si basa sulla raccolta dei prodotti della foresta, gomma e castagna, e sui prodotti della caccia ad animali selvatici, come i cuoi e le pelli.

Studia le varie attività della città, cercando di dividere i quartieri secondo le loro principali funzioni, così: quartieri di Penápolis — centro politico e amministrativo; quartieri di Empresa — centro commerciale (vendita al dettaglio e all'ingrosso); quartiere di Quince e Papoclo — residenziali.

Rispetto alla questione del rifornimento della città, osserva come la vita si torna cara e difficile dovuto alla necessità di dover importare dal sud del paese molti generi di consumo indispensabili. Presenta uno schema con i prezzi dei principali prodotti di consumo del 1950 che dà una idea chiara della difficoltà di vita.

Finalmente studia il commercio della città che è sempre in rapporto con le quotazioni reagenti all'estero dalla gomma e dalla castagna, maggiori fonti di ricchezza della regione.

Nella seconda parte del suo lavoro, l'autore studia i nuclei coloniali di Rio Branco.

Inizialmente dimostra come è interessante osservare la nuova iniziativa che si sta realizzando nel municipio di Rio Branco, a partire del 1942, nel senso della colonizzazione, una volta che l'economia della regione è basata praticamente sulla raccolta di prodotti naturali della foresta. Divide la colonizzazione in due fasi: la prima che considera *fase di popolamento*, e la seconda,

colonizzazione diretta, a partire dal 1942. Tratta delle attività dei vari nuclei, dell'organizzazione delle colonie, dell'assistenza técnica, finanziaria e sociale che il governo dispensa alle stesse, e i sistemi di coltivazione usati dai contadini. Concludendo studia più dettagliatamente il nucleo coloniale dell'Impresa di Sfruttamento della Gomma.

SUMMARY

The author divides this paper in two distinct parts: in the first, he deals with the city of Rio Branco, capital of the Territory of Acre, and makes its geographical analysis as well as furnishes some geographical data considered interesting; in the second part, the author makes a description of the colonization which is taking place at the "Município" (County) of Rio Branco emphasizing specially the colonial nucleus "Seríngal Empresa".

Further on, he studies the site in which the city of Rio Branco is located, emphasizing the fact that this location was selected strictly by chance, as most Brazilian cities were.

Rio Branco was born due to the spontaneous development which took place after the "Seríngal Empresa" was founded in 1882. The city occupies a zone of terraces along the enclashed meanders of the Rio Acre (River) and the topography, in this region, is undulated.

The author begins, then, to analyze the origin of the city, dividing its evolution in various phases.

In ending the first part of his paper, the author studies the economical aspects of the city, and states that its economy is based in the collecting of native forest products — chiefly rubber and Brasil nuts — as well as wild animal hides and skins.

The functional life of the city is studied also and the author tries to divide its suburbs according to their various functions, thus: suburb of Penápolis — political and administrative center; suburb of Empresa — commercial center (retail and wholesale); suburbs of Quinze and Papoclo — residential.

Talking of the problem of supplies, the author emphasizes the problem of high prices due to the necessity of importing some indispensable products from the south of the country. He includes a graphic which shows the prices of foodstuffs in 1950 and gives a clear idea of the high prices found.

A study of the commerce follows, and the author states that it is in direct relation to the prices rubber and Brasil nuts attain in the foreign market.

In the second part of his paper, the author studies the colonial nuclei of Rio Branco.

He emphasizes the role of the colonization which is taking place at the "Município" of Rio Branco since 1942, and relates this fact to the economy of the region, practically based in collecting native forest products.

He divides the colonization in two phases; the first, considered as "phase of peopling" and the second, regarded as "planned colonization", beginning in 1942.

The author, then, studies the organization of the colonies, the technical, economic and social assistance which is provided by the Government to the colonies, and the agricultural systems utilised by the natives.

A detailed study of the colonial nucleus of the Seríngal Empresa is made, then, as the author finishes his paper.

ZUSAMMENFASSUNG.

Der Verfasser zerlegt die vorliegende Abhandlung in zwei verschiedene Theile: im ersten beschreibt Er die Stadt von *Rio Branco* (Hauptstadt des *Territorio do Acre*) und betätigt sich dabei einige geographische Angaben derselben mitzuteilen; im zweiten Theil betätigt Er sich mit den Kolonisationsunternehmungen die sich im Munizip *Rio Branco* abspielen und untersucht gründlicher die Kolonie vom *Seringal Empresa*.

Die Abhandlung beginnt mit der Beschreibung der Stadtlage und der Verfasser macht darauf aufmerksam dass, wie in allgemeinen der brasilianischen Städte, die Auswall dieses Lokales ein reiner Zufall war. Die Stadt entstand durch die Entwicklung des *Seringal Empresa*, in 1882 gegründet. *Rio Branco* befindet sich auf den Terrassen längs der eingeschnittenen Meander des *Rio Acre* und zeigt ein wellig Topographie.

Weiter untersucht Er die Entstehung der Stadt und unterscheidet in seiner Entwicklung verschiedene Phasen.

Als Schlus des ersten Theiles untersucht der Verfasser den Haushalt der Stadt dessen Wirtschaft in der Sammlung der Waldprodukte Kautschuk und Pará-Nüsse und an Jagdprodukte wie Leder und Felle begründet ist.

Er untersucht das funktionale Leben der Stadt und Versucht die verschiedenen Stadtviertel, in Betracht ihrer Haupttätigkeit, einzuteilen: Stadtviertel *Penápolis* — politisches und Staatsverwaltungszentrum; Stadtviertel *Empresa* — Handelszentrum (Gross — und Kleinhandel); Stadtviertel *Quinze* und *Caboclo* — Wohnviertel.

Was der Stadtversorgung beantrifft deutet Er darauf hin das die Lebensverhältnisse immer schwieriger werden in Ursache der Belastung der Lebensmittelpreise die aus den fernen Süden ds Landes importiert werden. Eine Preistabelle der wichtigsten Lebensbedürfnisse, dem Jahr 1950 entsprechend, gibt eine deutliche Übersicht über diese Schwierigkeiten.

Schliesslich untersucht Er den Stadtshandel der in engen Verhältniss mit dem in Ausland erreichten Preisen der zwei wichtigsten Handelsprodukte, Kautschuk und Pará-Nüsse steht.

Im zweiten Theil der Abhandlung untersch der Verfasser die Kolonisationsunternehmungen von *Rio Branco*.

Erstens deutet Er auf die Wichtigkeit dieser Kolonisationsunternehmungen die sich heutzutage im Bundesbezirk *Rio Branco* zeit 1942, abspielen, da der Haushalt des ganzen Gebietes ausschliesslich von der Sammelwirtschaft der Waldprodukte abhängt. Er unterscheidet in der Kolonisation zwei Phasen: die erste als *Bestellungsphase* betrachtet und die zweite als *geplante Koolnisation*, zeit 1942, anerkannt. Er beschreibt die Gründung der verschiedenen

Kolonisationszentrum, die Organisation der Kolonien, die technische, wirtschaftliche und soziale Unterstützung der Staatsverwaltung und die angewandten Ackerbaumethoden der Einheimischen. Zum Schluss untersucht er genauer den am *Seringal Empresa* entstandenen Kolonisationszentrum.

RESUMO

La aŭtoro dividas la verkaĵojn en du distingeblajn partojn: en la unua li traktas pri la urbo Rio Branco (ĉefurbo de la Teritorio Acre), klopodante liveri kelkajn geografiajn donitaĵojn pri ĝi; en la dua li okupiĝas pri la koloniigo, kiu estas realiĝanta en la komunumo Rio Branco, kaj li speciale tudas la kolonian centron *Seringal Empresa*.

Li komencas sian artikolon er la studo de la loko de la urbo, akcentante, ke ĝia elekto okazis, kiel por la plimulto el la braziliaj urboj, par faro de la hazardo. La urbo naskiĝis kun la spontanea disvolviĝo, kiu efektiviĝis ekde la fondo de la *Seringal* (kaŭĉukarbaro) *Empresa*, en 1882. Rio Branco okupas zonon de terasoj laŭlonge de la enujitaj zigzagaĵoj de la rivero Acre, ĥaj prezentas malebenan topografion.

Poste li analizas la devenon de la urbo, dividante en diversajn fazojn ĝian evoluon.

inante la unuan parton, la aŭtoro studas la ekonomiajn aspektojn de la urbo, kies ekonomio baziĝas sur la rikolto de produktoj el la arbaro, kŭĉuko kaj brazilian nukson, kaj sur la produktoj de la ĉaso al sovaĝaj bestoj, kiel la ledoj kaj la feloj.

Li studas la funkciaŭ vivon de la urbo, klopodante dividi la kvartalojn laŭ du ĉefaj funkcioj, tiel: kvartalo de Penápolis — politika kaj administra centro; kvartalo de *Empresa* — komerca centro (pomalgranda kaj progranda komercoj); kvartaloj Quinze kaj Papoclo — loĝejaĵaj.

Rilate al la demando dela provizado al la urbo, li reliefigas, kiel la vivkosto fariĝas alta pro la neceso importi el la sudo de la lando multajn konsumkomercaĵojn ne malhaveblajn. Li prezentas tabelon kun la prezoj de la ĉefaj konsumproduktoj en 1950, liu donas klaran ideon pri la malfacileco de la vivo.

Fine li studas la komercon de la urbo, kiu estas ĉiam en funkcio de la kursoj atingitaj en eksterlando de la kaŭĉuko kaj de la brazila nukse, plej grandaj fontoj d riceco de la regiono.

En la dua parto de la verkaĵo, la aŭtoro studas la koloniajn centrojn de Rio Branco.

Unue li montras, kiel estas interese reliefigi la novan iniciaton, kiu estas realiĝanta en la komunumo Rio Branco, ekde 1942, kun la clo al la koloniigo, tial ke la ekonomio de la regiono baziĝas praktike sur la kolekto de naturaj produktoj el la arbaro. Li dividas la koloniigon en duoj fazojn: la unua, kiun li konsideras fazo de loĝatigo, kaj la dua, planita koloniigo, ekde 1942. Li traktas pri fondo de la diversaj centroj de la organizo de la kolonioj, pri la teknika, finanĉa kaj sociala helpoj, kiujn la registaro donas al ili, kaj pri la sistemoj de kulturoj uzataj de la enlandulo. Finante li studas kun pli d detaloj la kolonian centron *Seringal Empresa*.